

JORNAL: Diário de Notícias LOCAL: Guamabara

DATA: 01/06/1965 AUTOR: M. A.

TÍTULO: Pintura e escultura de artistas brasileiros no Pavilhão da Gulbenkian.

ASSUNTO: M. A. analisa "Salon Comparaison"

instituto de

namismo de um Danilo di Prete, desperdiçado o concretismo de Manabu Mabe e daqueles que mais se distinguiram ao abandonar o Grupo de Arte Concreta de S. Paulo, onde Degand fez escola, o que nos chega agora de Paris é, mesmo assim, um significativo índice da arte actual brasileira que aguça o gosto e a curiosidade para um conhecimento mais profundo.

Correspondendo ao apelo de um espírito de «recherche», Teresa D'Amico traz ao certame quatro obras que se podem inspirar no movimento «Pop» americano. Conchas, rosários, cascas de frutos, penas, como um motivo da «arte aplicada», são os meios variados de que se serve esta artista, que abre o seu voo imaginativo numa atmosfera enraizadamente brasileira. Iberê Camargo, pelo contrário, pinta com densidade nos seus profundos tons cinzentos e acastanhados que emergem, como os relevos da terra, de um fundo morto e sereno. É de uma grande riqueza a matéria em que se exprime este pintor, embora se lhe possa sentir a ausência de um sentimento ou de uma finalidade estética. Já o mesmo não se pode dizer de Arcangelo Lanelli, com as suas cinco telas de largas proporções e uma linguagem cheia de intimidade, rica de matéria que transluza para cá da sua superfície serena e se aprofunda muito longe da aparência interior. Distinguimos a tela com o n.º 12. Mas todas as restantes vibram docemente, através de uma secreta autonomia das cores, pois são estas que constituem o objecto da sua composição. Dir-se-ia que uma névoa delicada paira sobre esta pintura.

Franz Krajcberg, que usa materiais menos ortodoxos, tem três «composições» que vão da irrigação sanguínea à linguagem muda das antra-cites; Eméric Marcier, que ainda recentemente vimos em Lisboa numa «individual», com «A Paixão segundo S. Mateus», marca o topo da exegese proposta nesta exposição. Com ele começa e morre (preferimo-lo no auto-retrato), num movimento da pintura que, passando por Lazzlo Meitner, com as suas paisagens transfiguradas quase até ao figurativo (a n.º 22 e «Inverno em Paris») são de longe as mais sugestivas) vai dar a Carlos Scliar (com «Arcangelo»), verdadeira revelação do certame.

Scliar é um artista de finíssima sensibilidade que utiliza a pintura em função de uma harmonia em que impõe o triunfo do espírito sobre a matéria. Nessa busca de elementos de colagem (documentos do Império que nos falam da música e do culto divino, fragmentos de velhas imagens populares) harmonizados a uma ideia plástica da mais delicada expressão, Scliar define-se um artista de raiz histórica (e aí temos um dos aspectos antropológicos e mesológicos do europeísmo da pintura brasileira) sensível, poético, enamorado de um antigo que nas suas mãos de artista se actualiza e, digamos, unido à pintura, se desautomatiza para ser parte de um todo, ou seja, o conjunto de uma obra de arte. Da humildade dos velhos papéis sem préstimo nasce na sua alma uma pura obra de arte, algumas vezes quase mística.

Quanto a Raimundo de Oliveira, parece-nos uma simbiosa litúrgica a transposição da Bíblia para um indianismo de linguagem primitiva como a dos frescos 500 anos antes de Cristo. Como Francisco Relógio, um dia ele terá dificuldade em saltar o muro erguido à roda da sua sensibilidade.

Ivan Serpa e Benjamim Silva trazem à esta exposição a pintura gestual, o primeiro mais figurativo, de

tintas frias e matéria pobre, Benjamim Silva, mais rico, panorâmático, quente e de forte tensão interior que se traduz numa curta ressonância da cor e do movimento do gesto explosivo e dinâmico.

Na representação da escultura o Brasil parece-nos mais pobre na quantidade do que na qualidade — e não o somos nós igualmente? —, embora um Francisco Stockinger conjugue razões estéticas valiosas.

Discípula (adesão no espaço) de Max Bill, a escultora Lígia Clark traça no alumínio figuras leves, espaciais; Fernando Jason Ribeiro, um autodidata de curiosa biografia artística, serve-se de desperdícios do ferro para as suas composições, pesadas, geralmente, mas flagrantemente, como «Escultura III», cujo perfil adunco faz lembrar o «Cavalo», de Duchamp-Villon; Maurício Salgueiro, utilizando igualmente fragmentos metálicos, compõe figuras impregnadas de muito humor; e, finalmente, há Francisco Stockinger, o mais «souplé», o mais criador dos espíritos representados nesta exposição. Para lá de seu simbolismo («Liberdade», grito do homem que vence a sua crise de pensamento, «Guerreiro» e «Alvorada», em que todas as formas e emoções parecem germinar num corpo de mulher) há que distinguir neste escultor a originalidade e o triunfo de uma ideia fundada na mais pura escola italiana.

M. A.

Pintura e escultura de artistas brasileiros no Pavilhão da Gulbenkian

O Brasil, que participou no «Salon Comparaison de 1965», realizado no Museu de Arte Moderna de Paris, aproveitou a sua presença na Europa para nos enviar uma pequena amostra do que é e do que vale em artes plásticas. A iniciativa pertence à Fundação Calouste Gulbenkian, que a apresenta no seu pavilhão de exposições, com o patrocínio da Embaixada do Brasil em Lisboa.

País jovem, que muito pouco deve às tradições da arte portuguesa, visto que os Portugueses muito mais se empenhavam em problemas de interesse imediato, e, não tendo tempo de recolher do pequeno contacto com a arte flamenga as influências de uma escola, o Brasil quase precisou de fundar sobre si próprio um dialecto da pintura e da escultura. É certo que ao fazê-lo, a partir do «grito da independência» lançado por Graça Aranha, não pôde despojar-se da caracterologia da sua origem europeia. Mas que a fomentação então operada foi fecunda e aliciante, aí temos esse grupo de artistas brasileiros de Paris que não figuram nesta exposição, mas que não se podem deixar de considerar do Brasil e dos poucos capazes de desenvolver na sua pátria a verdadeira consciência de uma arte nacional. Referimo-nos, por exemplo, a um Cícero Dias e a um António Bandeira. Mas, mesmo que se tenha em vista olhar os que estão mais perto, pela sua juventude, é pena que a exposição nos não dê a imagem que compareceu em Paris. É que, às vezes, dá força de tanto se seleccionar, acaba-se por não haver selecção possível...

Isto quer dizer que os Portugueses terão de se cingir a um diálogo quase unilateral, tão pequeno nos parece o vocabulário autorizado, através das obras expostas.

Ultrapassado o geometrismo de um Milton Dacosta, posto de parte o di-